

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Mestrado  
Disciplina: Organização Social e Parentesco HS 119 C  
I Semestre de 2009  
Prof. Mauro W. Barbosa de Almeida  
Horário: Terças-feiras, 9:00-13:00.  
e-mail: [mwba@uol.com.br](mailto:mwba@uol.com.br)  
Atendimento: quarta-feira à tarde ou a combinar.

### Introdução ao curso: Parentesco e Redes Sociais

O tema deste curso é a relação entre a teoria do parentesco e a teoria social. O estudo antropológico do parentesco, longe de ser ultrapassado por temas mais relevantes no mundo contemporâneo, permanece crucial para a compreensão da vida social. Este curso, assentado sobre essa premissa, constitui uma introdução aos estudos de parentesco, e ao mesmo tempo à teoria antropológica em uma das suas vertentes de ponta.

Para muitos, a contribuição original da antropologia para a teoria social é a teoria do parentesco (Morgan 1871; Engels 1884). Essa contribuição seria a descoberta de que ao lado das sociedades “de classes” há as sociedades, muito mais numerosas, “de parentesco”. E assim como haveria várias formas de “sociedade de classe” haveria muitos “sistemas de afinidade e consanguinidade”. Outros patriarcas estabeleceram grandes divisores na história humana: status/contrato (Maine 1861), comunidade/sociedade (Tönnies 1887), solidariedade mecânica/solidariedade orgânica (Durkheim 1893), tradicionalidade/razionalidade (Weber 1922). Mas Morgan distinguiu-se desses fundadores ser ao mesmo tempo o fundador da teoria das redes sociais. Esta teoria tem a seguinte implicação: a sociedade não é o ponto de partida (como em Durkheim 1912) mas o ponto de chegada de relações. E já que parentes são antes de mais nada redes de relações (Strathern 1995), faz sentido falar de *atores-redes* como os sujeitos dessa ontologia relacional (Latour 2005). Pensando assim, vemos que Morgan foi o pioneiro de uma visão reticular do social que tem paralelo na obra até recentemente pouco valorizada de Gabriel Tarde (1890) e Georg Simmel.

Radcliffe-Brown (1935, 1940) separou a teoria das redes sociais de parentesco da “grande teoria” historicista do século XIX, e demonstrou a fecundidade teórica do “método genealógico na pesquisa antropológica” (Rivers 1912 a partir de Morgan) para o estilo de microanálise social exemplificado pela sua teoria das relações jocosas (Radcliffe-Brown 1940). Malinowski (1926, 1929) rejeitou a obsessão pela “estrutura” (que podia degenerar na “álgebra do parentesco”), mas estabeleceu o “processo” e a dinâmica na análise relacional. Essa linha de análise com foco na “estrutura” e no “processo” atingiu seu auge durante e após a II Guerra com as monografias de Evans-Pritchard (*Os Nuer* 1940, *Kinship and Marriage among the Nuer* 1951) e Meyer Fortes (*The Dynamics of Clanship among the Tallensi* 1945 e *The Web of Kinship among the Tallensi* 1949): em cada caso, uma obra sobre a “estrutura” (redes-árvore) e outra sobre “processo” (redes-rizoma, sendo a de Fortes explicitamente sobre a *web* do parentesco).

Enquanto isso, numa galáxia distante... Lévi-Strauss abria outro caminho para a análise de redes de parentesco, voltando à matriz de Lewis Morgan para pensar do zero o

significado das relações. A visão de Lévi-Strauss (1949) recolocava no foco as relações reticulares não-hierárquicas, horizontalizadas, igualitárias: redes similares às redes de dormir e a tessituras em que cada ponto tem o mesmo valor que outro: nem a desordem criativa dos rizomas-processo, nem a ordem hierárquica das linhagens-árvore. Houve quem atribuísse parte do sucesso dos livros de Evans-Pritchard aos seus maravilhosos diagramas (com os quais os de Fortes não se comparam), e o mesmo se pode dizer do livro de Lévi-Strauss, que tem sido assim assinalado como precursos do enfoque das redes sociais. Isso quer dizer que a Antropologia tem feito “redes sociais” esse tempo todo sem saber? Não exatamente: em 1958, em obra pouquíssimo lida, Siegfried Nadel, austríaco de nascimento e músico de calibre profissional, falava o idioma das *networks* para representar graficamente as relações entre pessoas como se fossem ‘elos’ ou ‘linhas’, e discutia a sociometria com familiaridade.

A sociometria era invenção do psicólogo social Jacob Moreno (sobre quem a professora Ana Maria Niemeyer fará uma palestra no curso) e entrou no repertório dos métodos da antropologia com já com o rótulo de método das redes sociais através de Elizabeth Boot e J. Barnes. Isso ocorria em Manchester, canteiro de obras da antropologia de atores-rede cuja obra-prima é *Schism and Continuity in an African Society* de Victor W. Turner 1957 (consultem a antologia da professora Bela Feldman-Bianco).

Isso tudo significava no fundo que no método das redes sociais se tornava independente do tema do parentesco. De fato, a antropologia do parentesco que vinha de Radcliffe-browniana, angustiada pelo conflito irresolvido entre “estrutura” e “processo”, árvores e rizomas, recebeu um exame post-mortem por Edmund Leach [1961], enquanto Lévi-Strauss deixava as redes de parentesco regulares para trás em favor dos rizomas mitológicos e das estruturas de casas abertas à flutuações da história quente (sobre isso, aula da professora Vanessa Lea). A partir daí a teoria das redes sociais seguiu sua carreira na Sociologia mais do que na Antropologia, que aparentemente largava o tema do parentesco como parte de uma herança pós-colonial (é conhecida a imagem em que o administrador, o padre e o antropólogo fogem correndo da África independente, o último levando debaixo do braço os *Sistemas Políticos Africanos* editado por Radcliffe-Brown).

Nos Estados Unidos, David Schneider declarou que o parentesco nem sequer era um tema ultrapassado, porque simplesmente não existia – exceto como um sistema cultural especificamente norte-americano, talvez europeu, no qual pessoas são uma mistura intranquila de natureza corporal e lei convencional (Schneider 1972, 1978). Marilyn Strathern escreveu o outro manifesto importante sobre o parentesco como um sistema cultural – desta vez como ideologia especificamente inglesa (1992). Depois disso, os estudos de parentesco proliferaram, libertados da moldura genealógica. Parentesco passou a ser visto como aquela parte da ontologia ocidental obcecada pelo código civil e pelo código genético, pelo direito de guarda dos filhos e pelo teste de DNA - vejam o caso da filha de Cássia Eller, de Elián Gonzalez (Sahlins 2004), de Christian, “o menino filho de pai biológico americano”. Os “novos estudos de parentesco” tratam desses e de gênero, reprodução in vitro, surgimento da pessoa (qual é o divisor entre aborto e assassinato, e quando termina a vida humana para doentes comatosos?).

Para concluir, é um tanto curioso que exatamente quando o parentesco como ontologia ocidental de pessoas destrona a teoria do parentesco como ontologia de redes sociais a velha teoria das redes de parentesco ganhou prestígio em meio à explosão de estudos das mega-redes virtuais. Deleuze e Guattari haviam feito por sua conta uma crítica

cerrada à ideologia da família no *Anti-Édipo*, mas utilizaram as noções de árvore e rizoma (Deleuze e Guattari 1980) como um dos instrumentos para a teoria da multiplicidade sem transcendência dos *Mil Platôs* (1980).

Quando sociólogos, físicos e biólogos começaram a explorar a enorme complexidade das redes em grande escala perceberam que estavam redescobrando a visão de Morgan e de Radcliffe-Brown – ou de Tarde e de Simmel. Mas agora sem a restrição a redes “sociais”: as redes-atores incluem sem preconceito conexões generalizadas entre buracos de ozônio, parlamentos e espécies ameaçadas (Latour 1997), e as novas relações de família não têm que discriminar entre cães e humanos (Haraway 2004) (Palestra da professora Nádia Farage que espero virá falar sobre esse e outros assuntos). Redes são tanto *vizinhanças* de seringueiros conectados com estudantes da unicamp (espero que Augusto Postigo e Chico Caminatti falem sobre isso) como tramas atores coletivos do neonazismo virtual (Adriana Dias 2007). Os pesquisadores da internet falam hoje sem piscar de redes ontológicas e de inteligências coletivas, e não se envergonham de falar de “pai”, “tio” e “germanos” (são nisso um tanto machistas) para falar de árvores onde o “pai” é o artigo citado pelo artigo-filho, ou o transmissor da infecção, ou o autor do boato ou vírus virtual, prestando assim homenagem à velha ciência criada por Morgan. E o professor Omar Ribeiro mostrou-me em Moçambique a atualidade do tema clássico do “preço da noiva” na África Austral (palestra a combinar).

A antropologia do parentesco começou com mundos pequenos e seus diagramas pareciam restritos a esses mundos face-a-face, mas hoje toda a *web* é descrita como um “small world” onde todos são conectados a todos como se fossem aparentados no máximo por “seis graus de separação” (Watts 2003, Barabási 2003), ao mesmo tempo que num mundo de “redes sem escala” emergem insidiosamente a autoridade dos *hubs* gigantes como Google. Imagino que antropólogos e antropólogas devam conhecer o que se faz nessa nova escala de redes, e aprender a combinar essa escala grande com a pequena escala da etnografia mais convencional. Afinal, vocês mais jovens provavelmente fazem parte, mais do que eu, de facebooks e outros circuitos onde um antropólogo alias já denunciou um caso de estupro virtual e fez trabalho de campo em sweat shops chineses que produzem objetos virtuais para paisagens imaginárias (e nossa economia é mais real do que isso?).

E não é só isso. A antropologia feita no Brasil antropologia tem o mérito de ter feito sua própria revolução nos estudos de parentesco em diálogo – sou tentado a dizer “em rede” – com ameríndios por um lado e com a ontologia das multiplicidades de outro, resultando numa visão nova da noção de afinidade e finalmente da própria antropologia (Viveiros de Castro 2002). Temos em suma o que aprender com nossas “sociedades de parentes” !

#### Bibliografia mencionada e correlata

- Barabási, Albert-Lászlo. 2003. *Linked. How everything is connected to everything else and what it means for business, science, and everyday life*. New York, Plume Book-Penguin Group.
- Barnes, J.A. “Redes sociais e processo político”, em Bela Feldman-Bianco (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos*. São Paulo: Global, 1987.

- Bott, Elizabeth. *Famílias e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- Deleuze, Gilles, e Félix Guattari. [1980]. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Volume I. Rio de Janeiro: Editora 34. 1995.
- Dias, Adriana. 2007. *Anacronautas do Teutonismo Virtual: uma etnografia do neonazismo na internet*. Dissertação de Mestrado.
- Donna Haraway. 2004. "Cyborgs to Companion Species: Reconfiguring Kinship in Technoscience". Em Donna Haraway, *The Haraway Reader*, pp. 295-321.
- Donna Haraway. 2004. "Race: Universal Donors in a Vampire Culture. It's all in the Family: Biological Kinship Categories in the Twentieth-Century United States". Em Donna Haraway, *The Haraway Reader*, New York e Londres, Routledge, pp. 251-294.
- Dumont, Louis. « The Dravidian Kinship Terminology as an Expression of Marriage". *Man*, 54 (1953).
- Durkheim, Émile. [1893]. *La Division Du Travail Social*. 1893. Edição eletrônica. [http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim\\_emile/division\\_du\\_travail/division\\_travail.html](http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/division_du_travail/division_travail.html)
- Durkheim, Émile. [1912]. *Les Formes Elementaires de La Vie Religieuse*. [http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim\\_emile/formes\\_vie\\_religieuse/formes\\_vie\\_religieuse.html](http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/formes_vie_religieuse/formes_vie_religieuse.html).
- Fortes, Meyer. 1949. *The web of kinship among He Tallensi*. Oxford e Oosterhout, Anthropological Publications e Oxford University Press, 1969.
- Fortes, Meyer. [1945]. *The dynamics of clanship among the Tallensi*. Oxford e Oosterhout, Anthropological Publications e Oxford University Press, 1967.
- Latour, Bruno. [1997] *Jamais Fomos Modernos*. São Paulo, Editora 34.
- Latour, Bruno. 2001. *Gabriel Tarde and the End of the Social*. Em <http://www.bruno-latour.fr/articles/article/082>.
- Latour, Bruno 2005. *Reassembling the Social. An Introduction to Actor-Network Theory*. Oxford, Oxford University Press.
- Leach, Edmund [1961]. *Repensando a Antropologia*. São Paulo, Perspectiva, 1973. Capítulo 1: "Repensando a antropologia", pp. 7-51.
- Lévi-Strauss, Claude. [1949]. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Capítulo 8, 9 e 10.
- Malinowski, Bronislaw. 1926. *Crime e Costume na Sociedade Selvagem*. Brasília e São Paulo, Editora UnB e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. Há uma tradução minha disponível virtualmente.
- Malinowski, Bronislaw. 1929. *A Vida Sexual dos Selvagens da Melanésia*. Rio de Janeiro, F.Alves.
- Morgan, Lewis [1871]. *A Sociedade Primitiva*. São Paulo, Martins Fontes, 1979 (301.2M823.sv1).
- MORGAN, LEWIS, H. 1970 (1871). *Systems of Consanguinity and Affinity of the Human Family*. Prefácio, Cap. 1 Introdução e Cap.II General Observations upon Systems of Relationships. 18 págs.
- Nadel, Siegfried F. [1958]. *Teoria de La estructura social. Con una biografía Del autor por Meyer Fortes*. Madrid, Ediciones Guadarrama, 1966.

- Radcliffe-Brown, E. R. [1935]. "O Irmão da Mãe no Sul da África". Em *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis, Editora Vozes, 1973, Capítulo I. (301.2 R116R).
- Radcliffe-Brown, E. R. [1940] "Sobre relações jocosas". Em *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*, Capítulo IV.
- Rivers, William H. [1912]. "O método genealógico na pesquisa antropológica". Em Roberto Cardoso de Oliveira (org.). *A Antropologia de Rivers*. Campinas, Editora da Unicamp.
- Rivière, Peter. "The Amerindianization of Descent and Affinity". Em R.Parkin e L. Stone (org.), pp. 104-109.
- Sahlins, Marshall. [2004]. *História e Cultura. Apologias a Tucídides*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2006.
- Schneider, David M. 1972. "What is Kinship all about?". Em Priscilla Reining (org.), *Kinship Studies in the Morgan Centennial Year*, Washington, The Anthropological Society of Washington., 1972, pp. 32-63.
- Schneider, David M. 1980. *American kinship. A cultural account*. Segunda edição. The University of Chicago Press, Chicago e Londres, 1980.
- Strathern, Marilyn. 1992. *After Nature. English Kinship in the late Twentieth Century*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Strathern, Marilyn. 1995. *The Relation. Issues in Complexity and Scale*. Londres, Prickly Pear Pamphlet N.6, Cambridge.
- Strathern, Marilyn. 2005. *Kinship, Law and the Unexpected. Relatives are always a surprise*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Tarde, Gabriel.[1890]. *Les Lois de l' imitation*. Paris: Éditions Kimé, 1993, 428 pages. [http://classiques.ugac.ca/classiques/tarde\\_gabriel/tarde\\_gabriel.html](http://classiques.ugac.ca/classiques/tarde_gabriel/tarde_gabriel.html)
- Vilaça, Aparecida. 2002. Making Kin out of Others in Amazonia. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, Vol. 8, No. 2 (Jun., 2002), pp. 347
- Viveiros de Castro, Eduardo. 2002. "O problema da afinidade na Amazônia". Em *A Inconstância da Alma Selvagem*. São Paulo, Cosac & Naify.
- Watts, Duncan J. 2003. *Six Degrees. The science of a connected age*. New York e Londres, W. W. Norton & Company.

#### Introduções e coletâneas

- Bouquet, Mary. 1993. *Reclaiming English Kinship. Portuguese refractions of British kinship theory*. Manchester, Manchester University Press.
- Carsten, Janet. 2004. *After Kinship*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Dumont, Louis. 1971. *Introduction á deux théories d' anthropologie sociale*. Paris, Mouton.
- Enciclopédia Einaudi. [1979]. *Volume 20 - Parentesco*. Lisboa, Imprensa Internacional. [Artigos por Françoise Héritier, Maurice Godelier, Valerio Valeri, Alain Testart e Franca O. Basaglia]
- Parkin, Robert e Linda Stone. 2003. *Kinship and Family. An Anthropological Reader*.
- Parkins, Robert. 1997. *Kinship, An Introduction to Basic Concept*. Oxford, Blackwell Publishers.

- Robin Fox, *Kinship and Marriage: An Anthropological Perspective* (Cambridge: Cambridge University Press, 1967), introduction, ch. 1 (pp. 13-53)
- Stone, Linda. 2000. *Kinship and Gender. An Introduction*. Boulder, Colorado; Westview Press.

## Zonas

### **Parentesco, trocas e redes sociais**

- Alfred Gell, "Strathernograms, or the Semiotics of Mixed Metaphors" in *The Art of Anthropology: Essays and Diagrams*, ed. Eric Hirsch (London: Althone Press, 1999).
- Nooy, Wouter de; Andrej Mrvar e Vladimir Batagelij. 2005. *Exploratory Social Network Analysis with Pajek*. Cambridge, Cambridge University Press. (Capítulos 1,2 e 11).
- White, Douglas R. e Ulla C. Johansen. 2005. *Network Analysis and Ethnographic Problems*. Oxford, Lexington Books.
- Hage, Per e Frank Harary. 1996. *Island Networks. Communication, kinship, and classification structures in Oceania*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Schweitzer, Thomas e Douglas R. White. 1998. *Kinship, network and Exchange*. Cambridge, Cambridge University Press.
- White, Douglas R. e Paul Jorion. Representing and Computing Kinship: A New Approach. *Current Anthropology*, Vol. 33, No. 4 (Aug. - Oct., 1992).

### **Parentesco existe?**

- Schneider, David M. 1972. "What is Kinship all about?". Em Priscilla Reining (org.), *Kinship Studies in the Morgan Centennial Year*, Washington, The Anthropological Society of Washington., 1972, pp. 32-63.
- Schneider, David M. 1980. *American kinship. A cultural account*. Segunda edição. The University of Chicago Press, Chicago e Londres, 1980.
- Strathern, Marilyn. 1992. *After Nature. English Kinship in the late Twentieth Century*. Cambridge, Cambridge University Press.
- GEFFRAY, Christian. 2000. *Nem pai, nem mãe: crítica do parentesco: o caso macua*. Lisboa: Editorial Ndjira.

### **Parentesco como descendência**

- Meyer Fortes, "The Structure of Unilineal Descent Groups," *American Anthropologist* 55 (1953): 17-41.
- E.E. Evans-Pritchard, "The Lineage System," Chapter 5 of *The Nuer: A Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of a Nilotic People* (Oxford: Oxford University Press, 1940), pp. 192-248.
- Adam Kuper, *The Invention of Primitive Society: Transformations of an Illusion* (London: Routledge, 1988), chs. 2, 3, 10 (pp. 17-75, 190-209).

### **Parentesco como aliança**

Claude Lévi-Strauss. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Capítulos 1-10, 29..

Louis Dumont, "The Dravidian Kinship Terminology as an Expression of Marriage," *Man* 54 (1953): 34-39.

Eduardo Viveiros de Castro. "O problema da afinidade na Amazonia" .

Marcel Mauss, *The Gift: Forms and Functions of Exchange in Archaic Societies*, trans. Ian Cunnison (New York and London: W.W. Norton, 1967).

### **Parentesco e casas.**

Lévi-Strauss, Claude. 1984. *Minhas Palavras*. São Paulo: Brasiliense. 5a parte: Clã, linhagem, casa. I: A noção da casa (ano 1976-1977).

Claude Lévi-Strauss, "Clan, Lineage, House" em *Anthropology and Myth: Lectures 1951-1982* (London: Basil Blackwell, 1984), pp. 153-194).

Janet Carsten and Stephen Hugh-Jones, "Introduction" in *About the House: Lévi-Strauss and Beyond*, eds. Janet Carsten and Stephen Hugh-Jones (Cambridge: Cambridge University Press, 1995), pp. 1-46.

Lea, Vanessa. Em Carsten e Stephen Hugh-Jones.

Palestrante convidada: Vanessa Lea.

### **Parentesco, desejo, gênero, dominação**

BUTLER, Judith 2003. 'O parentesco é sempre tido como heterossexual?' *Cadernos Pagu*(21) pp. 219-260.

GROSSI, Miriam Pillar. 2003. 'Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil'. pp.261- 280.

PISCITELLI, Adriana. 1998. 'Nas fronteiras do natural: gênero e parentesco'. *Revista de Estudos Feministas* 6 (2) pp. 305-321.

RUBIN, Gayle com Judith Butler. 2003. 'Tráfico sexual – entrevista'. *Cadernos Pagu* (21)pp.157-209. Comentário: Adriana Piscitelli, pp.211-218.

Marilyn Strathern, "Cause and Effect" and "Domination" in *The Gender of the Gift: Problems with Women and Problems with Society in Melanesia* (Berkeley: University of California Press, 1988), chapters 10, 11 (pp. 268-339).

Palestrante (a convidar): Adriana Piscitelli.

### **Parentesco e Estado**

Martinez-Alier, Verena. *Marriage, Class and Colour in Nineteenth-Century Cuba. A Study of Racial Attitudes and Sexual Values in a Slave Society*. Cambridge, Cambridge University Press, 1974.

BENZAQUEN DE ARAUJO R. E VIVEIROS DE CASTRO, E. 1977. 'Romeu e Julieta e a origem do Estado'. In: G. Velho (org.) *Arte e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar. 38 págs.

Suzanne A. Brenner, *The Domestication of Desire: Women, Wealth, and Modernity in Java* (Princeton: Princeton University Press, 1998), chs. 2-5, 7 (53-205, 225-253).

Elizabeth A. Povinelli, "The Poetics of Ghosts" in *The Cunning of Recognition* (Durham: Duke University Press, 2002).

Elizabeth A. Povinelli, "Notes on Gridlock: Genealogy, Intimacy, Sexuality," *Public Culture* 14 (2): 215-238.

Palestrante convidado: Omar Ribeiro.

### **Parentesco e tecnologia**

McKinnon, Susan. 2005. *Neo-liberal genetics: the myths and moral tales of evolutionary psychology*. Chicago, Prickly Paradigm Press.

LUNA, Naara. 2001. 'Pessoa e parentesco nas novas tecnologias reprodutivas'. *Revista de Estudos Feministas* 9 (2) pp.389-413.

LUNA, Naara 2002. 'Maternidade desnaturada: uma análise da barriga de aluguel e da doação de óvulos'. *Cadernos Pagu* (19) pp. 233-278.

FONSECA, Claudia.2004. 'A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA'. *Revista de Estudos Feministas* 12(2) pp. 13-34.

Marilyn Strathern, "Kinship Assisted" in *Reproducing the Future: Essays on Anthropology, Kinship, and the New Reproductive Technologies* (New York : Routledge, 1992), pp. 14-30.

Corinne P. Hayden, "Gender, Genetics, and Generation: Reformulating Biology in Lesbian Kinship," *Cultural Anthropology* 10 (1) (1995): 41-63.